

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**PREDITORES DA COMPETÊNCIA SOCIAL DA CRIANÇA ADOTADA:
TEMPERAMENTO E INTERAÇÕES PAIS/MÃES-FILHOS**

Sílvia Monteiro Fonseca

Junho 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Maria
Adelina Barbosa Ducharne* (FPCEUP).

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

O presente estudo encontra-se integrado num projeto de doutoramento intitulado “Preditores individuais, familiares e extrafamiliares da competência social em crianças adotadas”, na qual participei ativamente desde o ano letivo de 2012/2013. Este projeto de investigação, em curso na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), é conduzido pela doutoranda Joana Lara Ferreira Soares sob a orientação da Professora Doutora Maria Adelina Barbosa-Ducharne e do Professor Doutor Jesús Palacios (Universidade de Sevilha). Este estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através da bolsa de Doutoramento SFRH/BD/77316/2011, e recebeu a aprovação da Comissão de Ética da FPCEUP e da Comissão Nacional de Proteção de Dados (autorização 3912/2013). Para além disso, com objetivo de viabilizar a concretização deste projeto de investigação, foi estabelecido um protocolo de colaboração específico entre o Instituto de Segurança Social, Instituto Público (ISS, IP) e a FPCEUP (assinado a 16/09/2013).

Para facilitar a disseminação dos resultados e conclusões do presente estudo, esta dissertação apresenta-se sob o formato de artigo científico, tendo em vista a submissão a publicação em revista científica especializada na área e indexada à base de dados ISI e SCOPUS. O manuscrito a submeter para publicação terá como autores a doutoranda do projeto no qual este estudo se insere, Joana Lara Soares, e os orientadores do mesmo, a Professora Doutora Maria Adelina Barbosa-Ducharne e o Professor Doutor Jesús Palacios, para além da autora da presente dissertação.

Esta etapa não poderia ser concluída sem antes serem mencionadas e celebradas as pessoas que contribuíram para a sua concretização.

O percurso não tomaria o mesmo rumo sem o incansável apoio e orientação da Professora Doutora Maria Adelina Barbosa-Ducharne, a minha orientadora. A ela agradeço este constante suporte, a confiança depositada desde o início desta viagem, a sabedoria, a partilha, a disponibilidade, a sinceridade, a cumplicidade, o sorriso e as oportunidades que me tem providenciado ao longo destes últimos 4 anos. Posso com toda a certeza afirmar que não seria, académica/profissional e pessoalmente, a pessoa que sou hoje se não a tivesse conhecido e se não tivesse tido o privilégio de a acompanhar. Agradeço assim por ter sido e continuar a ser a minha fonte de inspiração, o meu exemplo de mestria e sabedoria.

Agradeço também ao Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção. A todas as que me acompanharam ao longo deste intenso e gratificante percurso, agradeço a constante partilha e apoio, bem como a aprendizagem do que pode ser alcançado e concretizado em grupo. Porém, agradeço especialmente à doutoranda Joana Soares que ao longo dos últimos 4 anos acompanhou paciente e incansavelmente todas as minhas angústias, preocupações, devaneios e conquistas. A ela agradeço também a constante disponibilidade, o apoio, a orientação, a partilha, e a cumplicidade e amizade. Um sincero obrigado por me mostrarem que afinal é possível fazermos a diferença e sermos parte da solução.

Decerto não chegaria ao fim de mais um desafio sem o constante suporte da minha família. Aos sempre e para sempre presentes “Bó” e “Bu” agradeço o amor, apoio e suporte incondicional, sem os quais não seria o “botãozinho” que sou hoje. Um obrigado pelo que representam, pelo que me ensinaram e por serem sempre o meu “porto seguro”. Aos meus pais agradeço as oportunidades que me providenciaram, o esforço, a paciência, a sabedoria e o constante apoio. Aos meus familiares também o meu sincero obrigado.

Às minhas amigas e especialmente ao Nuno agradeço o apoio permanente, a paciência, a partilha, a amizade e o amor. Um obrigado pela pessoa que és, por seres a minha “bengala”, por me acompanhares e pelo quão determinante tens sido no meu percurso e desenvolvimento.

A todos os pais e crianças que nos acolheram e partilharam as suas histórias!

Resumo

Vários estudos na área da competência social têm constatado o impacto isolado/individual de variáveis da criança (e.g. temperamento) e de variáveis do contexto familiar (e.g. socialização parental das emoções). Contudo, o estudo simultâneo do impacto destas variáveis na competência social tem sido descurado, revelando-se por isso uma área de particular interesse, especialmente em famílias adotivas, por se constituírem como contextos privilegiados e inovadores de investigação. O objetivo deste estudo é analisar o contributo que o temperamento e as respostas parentais às emoções negativas dos filhos têm na competência social da criança adotada, diferenciando a perspetiva das mães da perspetiva dos pais. Participaram 99 pais e 99 mães adotivas de crianças com idades entre 8 e 10 anos. A *Social Skills Improvement System-Rating Scale* foi utilizada para avaliação da competência social, o *School-Age Temperament Inventory* para avaliação do temperamento, e a *Coping with Children's Negative Emotions Scale* para avaliação das respostas parentais. Os resultados mostraram que ambos os preditores tiveram impacto na competência social, embora as perspetivas parentais difiram. Na perspetiva materna, a competência social é predita pelo temperamento e, apenas no caso específico das habilidades sociais, pelas respostas parentais e pela idade da criança. Na perspetiva paterna, é predita pelo temperamento, pelas respostas parentais e pelo tempo de adoção. Estes resultados contribuem para a compreensão dos processos subjacentes à variabilidade existente entre crianças adotadas, no que diz respeito à competência social. Implicações para futuras investigações e reflexões para as intervenções ao nível da dinâmica familiar na adoção são discutidas.

Palavras-Chave: competência social, temperamento, respostas parentais, crianças adotadas

Abstract

There is empirical evidence showing the individual impact of a child's temperament or of the parental socialization of emotion on the child's social competence. However, the study of the simultaneous impact of these variables has been highly neglected and is, therefore, a matter of special interest, specifically within adoptive families, which are privileged and innovative contexts of research. The aim of the present study is to analyze the contribution of the adopted child's temperament and of the parental responses to the adoptee's negative emotions on his/her social competence, by discriminating both the mother and the father's perspectives. Ninety-nine adoptive fathers and 99 adoptive mothers of adoptees aged 8 to 10 participated in this study. The social competence and temperament of the adoptee and the parental responses to his/her negative emotions were evaluated using the Social Skills Improvement System-Rating Scales, the School-Age Temperament Inventory and the Coping with Children's Negative Emotions Scale, respectively. The results showed that both predictors had an impact on social competence, although parental perspectives differed. According to mothers, the child's social competence was predicted by the child's temperament and, only in the specific case of social skills, by the parental responses and by the child's age. According to fathers, it was predicted by the child's temperament, by the parental responses and by the time of adoption. These findings contribute to the understanding of the processes underlying the social competence variability among adopted children. Implications for further research, as well as reflections for adoption interventions are discussed.

Keywords: social competence, temperament, parental responses, adopted children

O conceito de competência social é complexo e multidimensional. Por um lado, depende da aquisição e desempenho de um conjunto de comportamentos sociais específicos, adquiridos socialmente, essenciais na realização das tarefas sociais e promotores da adequação da interação social, denominados “habilidades sociais”. Por outro lado, implica uma avaliação externa relativa à adequação do comportamento social individual, no contexto social específico onde decorre (Gresham, Elliott, Cook, Vance, & Kettler, 2010). Por conseguinte, a competência social revela-se através da manifestação positiva de habilidades sociais e pela baixa incidência de problemas de comportamento. Embora a competência social seja um requisito fundamental ao longo de todo o ciclo de vida, em idade escolar, a criança participa numa multiplicidade de contextos sociais que lhe colocam desafios acrescidos, exigindo o manuseamento preciso das habilidades de interação social e o controle de comportamentos que possam ser avaliados pelos outros como problemáticos (Tan, 2006).

O estudo da competência social conduziu à identificação de variáveis (e.g. temperamento, regulação emocional, vinculação) com impacto neste processo desenvolvimental (Semrud-Clikeman, 2007). Contudo, os diferentes determinantes da competência social têm sido estudados individualmente, negligenciando-se o estudo do seu impacto conjunto. Por exemplo, o estudo integrado de variáveis como o temperamento da criança, característica pessoal com forte preponderância genética, mas também moldada pelas experiências sociais (Kiff, Lengua, & Zalewski, 2011; McClowry, 1995) e de variáveis de interação pais-filhos, como as respostas parentais às emoções negativas da criança, poderá aportar contributos significativos à compreensão do conceito de competência social.

Por outro lado, o estudo da competência social em populações não normativas, como as crianças adotadas, poderá também constituir importante contributo para aprofundar o conhecimento científico nesta área. Pelas suas características, a adoção proporciona um contexto natural de estudo da influência da genética e do ambiente, partilhado e não partilhado, no desenvolvimento das características e comportamentos das crianças, dada a descontinuidade que impõe nas suas trajetórias desenvolvimentais (Haugaard & Hazan, 2003). O estudo da competência social em crianças adotadas revela-se particularmente heurístico, na medida em que possibilita distinguir as experiências pré e pós-adoção (Juffer et al., 2011; Julian & McCall, 2016), permitindo considerar o *design* da adoção como privilegiado para a análise do impacto de variáveis da criança e de interação pais-filhos. Porém, no que se refere à competência social da criança adotada, os estudos conduzidos

têm-se centrado nos resultados, comparando adotados e não-adotados, e apontam a necessidade de investigação que permita a análise da variabilidade existente entre crianças adotadas (Palacios & Brodzinsky, 2010).

Em suma, o estudo dos processos subjacentes à variabilidade da competência social em crianças adotadas, tomando em consideração simultânea variáveis individuais e de interação, poderá constituir-se um avanço significativo no conhecimento sobre o processo desenvolvimental da competência social da criança em idade escolar.

1. Competência Social da Criança Adotada

A grande maioria das crianças adotadas partilha um passado de adversidade, com experiências de maus-tratos, negligência, violência física/psicológica na família biológica, e/ou experiências de negligência estrutural, durante o acolhimento institucional (van IJzendoorn et al., 2011). Estas experiências, e/ou a ausência de um cuidador consistente e adequado, durante os primeiros anos de vida, podem comprometer o ajustamento social posterior da criança (Julian & McCall, 2016). No entanto, quando esta é integrada numa nova família, alguns dos défices ao nível do desenvolvimento social podem ser recuperados (Juffer et al., 2011), constituindo a adoção uma “intervenção natural de sucesso” (van IJzendoorn & Juffer, 2006).

Não existe consenso entre os estudos realizados no que diz respeito à competência social nesta população: alguns observaram que as crianças adotadas, quando comparadas com os pares não-adotados, apresentam um adequado e quase idêntico nível de funcionamento (Palacios, Moreno, & Román, 2013), enquanto outros identificaram níveis inferiores de competência social (Barcons et al., 2012), especialmente em adolescentes adotados com passado de institucionalização (Julian & McCall, 2016), reforçando a necessidade de estudos que aprofundem a variabilidade entre as crianças adotadas para além da mera constatação de diferenças entre grupos.

2. Competência Social e Temperamento

O temperamento tem sido conceptualizado como um constructo dinâmico, resultante da influência simultânea de componentes hereditárias e fatores do contexto pré-natal, e das

experiências e interações estabelecidas ao longo do desenvolvimento (Kiff et al., 2011). Constitui-se como um conjunto de respostas específicas de cada criança, constantes nos diferentes contextos nos quais esta se insere, operacionalizado em quatro dimensões: persistência na tarefa (orientação para tarefa/responsabilidade), reatividade negativa (intensidade/frequência de reações emocionais negativas), atividade (agitação motora) e retraimento (resposta a novas situações/pessoas desconhecidas) (McClowry, 1995). Subsequentemente, estas dimensões foram agrupadas em quatro perfis de temperamento: o perfil de ativação elevada (maior atividade e reatividade negativa, menor persistência na tarefa), o perfil cauteloso (maior retraimento e reatividade negativa), o perfil empreendedor (menor atividade e reatividade negativa, maior persistência na tarefa) e o sociável (menor retraimento e reatividade negativa) (McClowry, 2002).

Os estudos sobre o temperamento em crianças adotadas centram-se essencialmente nos resultados, comparando o temperamento de crianças com e sem história de adoção, e chegando a resultados contraditórios: alguns constataram menores níveis de emocionalidade/reatividade negativa e maiores níveis de sociabilidade nas crianças adotadas, quando comparadas com as não-adotadas (e.g. Plomin, Coon, Carey, DeFries, & Fulker, 1991), e outros, mais recentemente, verificaram a existência de diferenças significativas, entre adotados e não-adotados, apenas no período inicial de vivência com a família adotiva, apresentando as crianças adotadas maiores níveis de atividade e reatividade negativa (e.g. Dalen & Theie, 2014).

Alguns estudos mostraram um impacto direto do temperamento na competência social, enquanto outros mostraram a sua influência indireta ao surgir como fator de risco para a manifestação de problemas de comportamento, em crianças não-adotadas (e.g. Chang, Shelleby, Cheong, & Shaw, 2012; Kiff et al., 2011). No que diz respeito à população de crianças adotadas, salientam-se dois estudos longitudinais (conduzidos desde a infância até aos 7 anos de idade, e desde a infância até à adolescência, respetivamente) que evidenciam o impacto do temperamento na competência social: o desenvolvido por Stams, Juffer, e van IJzendoorn (2002), que constatou que um temperamento fácil predizia níveis mais elevados de competência social, e o desenvolvido por Voort, Linting, Juffer, Bakermans-Kranenburg, e van IJzendoorn (2013), que concluiu que um temperamento difícil predizia mais problemas de comportamento.

3. Competência Social e Respostas Parentais às Emoções Negativas dos Filhos

Nas interações estabelecidas no seio familiar, os pais assumem um papel preponderante para que a criança compreenda a natureza das emoções (suas e dos outros), a adequação da sua expressão, e como estas podem ser reguladas em contextos sociais (Alves & Cruz, 2011). Esta influência é exercida através das respostas parentais às emoções expressas pelos filhos, da discussão pais-filhos acerca das mesmas, e da expressão emocional parental (Baker, Fenning, & Crnic, 2011). Assim, os comportamentos parentais socializadores da emoção, associados ao constructo de meta-emoção parental, dependem da capacidade dos pais de compreenderem os seus estados emocionais e os seus pensamentos respeitantes a estes, bem como os dos seus filhos (Gottman, Katz, & Hooven, 1996). Mais especificamente, ao nível das respostas parentais às emoções negativas, sublinham-se duas posturas: de suporte/positivas e de não-suporte/negativas (Fabes, Poulin, Eisenberg, & Madden-Derdich, 2002), não opostas entre si (Alves & Cruz, 2011; Fabes et al., 2002).

As respostas positivas/suporte têm sido associadas a níveis mais elevados de regulação emocional e competência social (e.g. Fabes et al., 2002; Gottman et al., 1996). No entanto, não foram encontrados estudos que abordassem esta dimensão da meta-emoção parental em famílias adotivas. Ainda assim, Eisenberg, Cumberland, e Spinrad (1998) propuseram que as experiências vivenciadas pela criança e as características dos contextos onde estão inseridas influenciam os comportamentos de socialização parental.

4. Preditores da Competência Social da Criança Adotada: Temperamento e Interações Pais/Mães-Filhos

A maioria dos estudos revistos sobre os constructos acima referidos privilegia a perspetiva materna, em detrimento da paterna (e.g. Alves & Cruz, 2011; Chang et al., 2012; Stams et al., 2002), ou não efetua qualquer distinção entre as perspetivas (e.g. Fabes et al., 2002). Os escassos estudos que avaliam, nas duas perspetivas, as relações entre estas variáveis, têm, no entanto, encontrado diferenças entre pais e mães.

Ao nível do temperamento, Pfeffer e Martin (1983) constataram que pais e mães diferiam quanto à perceção do temperamento dos filhos, particularmente quando perante mais problemas de comportamento, considerando as mães que estes apresentavam maiores

níveis de atividade. Ao nível das respostas parentais às emoções negativas da criança, a investigação reporta dados contraditórios: o estudo de Eisenberg, Fabes, e Murphy (1996) constatou um maior número de correlações significativas com a competência social, da perspectiva das mães comparativamente à dos pais, e o estudo de Baker e colaboradores (2011) constatou correlações significativas entre as respostas parentais às emoções negativas e a competência social, na perspectiva paterna, mas não na materna.

Deste modo, compreende-se a importância de a investigação em famílias biparentais considerar ambas as perspectivas, isoladamente, para a compreensão da dinâmica familiar. Esta necessidade tem vindo a ser justificada também pelas mudanças inerentes ao conceito de masculinidade e feminilidade, pela crescente flexibilidade dos papéis sociais internalizados (Holt & Ellis, 1998) e pela partilha de tarefas entre as figuras parentais, crucial para um adequado funcionamento no quotidiano atual (Baker et al., 2011).

A revisão bibliográfica conduzida não permitiu identificar estudos que avaliassem o impacto conjunto do temperamento e das respostas parentais às emoções negativas dos filhos, na competência social da criança, quer na população geral, quer na população de crianças adotadas. Contudo, ao longo da revisão teórica realizada, tornou-se explícito o impacto isolado que o temperamento e as respostas parentais têm na competência social, e as perspectivas particulares das figuras parentais neste ajustamento. Acresce que se constatou, não só a escassez de estudos que clarifiquem estas questões na população de adotados, mas também que estabeleçam comparação entre mães e pais. O presente estudo propõe como objetivo principal compreender o impacto do temperamento (variável independente - VI) e das respostas parentais às emoções negativas dos filhos (VI), na variabilidade da competência social da criança em idade escolar (variável dependente - VD), que foi adotada, comparando e diferenciando a perspectiva da mãe e do pai.

Por conseguinte, são definidas as seguintes hipóteses: (a) a competência social da criança, o seu temperamento e as respostas parentais às suas emoções negativas estão significativamente intercorrelacionadas; (b) quanto maior a adversidade pré-adoção (definida em termos de maior tempo na família biológica e em acolhimento) e quanto menor o tempo de adoção, menos habilidades sociais e mais problemas de comportamento a criança manifesta; (c) quanto maior a adversidade pré-adoção e quanto menor o tempo de adoção, mais “difícil” (maior reatividade negativa, atividade e retraimento, e menor persistência na tarefa) o temperamento da criança; (d) a adversidade pré-adoção e o tempo de adoção correlacionam-se significativamente com as respostas parentais às emoções

negativas dos filhos; (e) o temperamento da criança e as respostas parentais às emoções negativas da mesma predizem significativamente a sua competência social; (f) a perspectiva da mãe difere da perspectiva do pai, no impacto que o temperamento da criança e as respostas parentais às emoções negativas dos filhos têm na competência social destes.

Estudo dos Preditores da Competência Social da Criança Adotada

1. Método

1.1. Participantes

Participaram neste estudo 198 pais adotivos, 99 mães e 99 pais, de 99 famílias biparentais. Em média, as mães tinham 44.95 anos de idade ($DP = 5.12$, Min. = 32.00, Máx. = 59.00) e os pais 46.32 ($DP = 4.88$, Min. = 37.00, Máx. = 59.00), sendo as diferenças entre os dois grupos estatisticamente significativas, $t(88) = 3.69$, $p < .001$, $d = 0.27$, IC a 95% [0.72, 2.40]. Por sua vez, em média, as mães apresentavam 11.98 anos de estudo ($DP = 4.51$, Min. = 4.00, Máx. = 23.00) e os pais 11.73 ($DP = 4.90$, Min. = 0.00, Máx. = 23.00), não tendo sido observadas diferenças entre mães e pais, $t(88) = 0.80$, *ns*.

Estas figuras parentais adotaram 99 crianças provenientes do Sistema de Promoção e Proteção, das quais 42 (42%) raparigas e 57 (58%) rapazes, quando estas tinham, em média, 2.99 anos de idade ($DP = 2.11$, Min. = 0.20, Máx. = 8.00). No momento da recolha de dados, as crianças tinham entre 8 e 10 anos ($M = 8.80$, $DP = 0.80$) e estavam integradas na família há 5.81 anos, em média ($DP = 2.02$, Min. = 1.00, Máx. = 9.40). Antes da adoção viveram 13.80 meses, em média, nas suas famílias biológicas ($DP = 18.46$, Min. = 0.00, Máx. = 75.00) e/ou 22.24 meses em acolhimento ($DP = 15.61$, Min. = 0.00, Máx. = 66.00; 90% em acolhimento residencial). No que diz respeito à vivência na família biológica, 36% ($n = 36$) das crianças experienciaram negligência, 7% ($n = 7$) foram abandonadas e 4% ($n = 4$) sofreram maus-tratos. Trinta e sete por cento ($n = 37$) não teve qualquer experiência junto da sua família biológica e 16% ($n = 15$) dos pais adotivos desconheciam as experiências vivenciadas pela criança na família biológica.

1.2. Instrumentos e medidas

Social Skills Improvement System-Rating Scales (SSIS-RS; Gresham & Elliott, 2008). A competência social da criança, na perspetiva dos pais, foi avaliada através da versão traduzida e adaptada para português do SSIS-RS (Soares, Barbosa-Ducharme, Lemos, & Cruz, 2012). O seu objetivo é avaliar a frequência de habilidades sociais e problemas de comportamento exibidos pela criança, através de uma escala de tipo *Likert* de 4 pontos (0 = *nunca* a 3 = *quase sempre*). A escala das habilidades sociais é composta por 46 itens (e.g. “Perdoa os outros”) e a escala de problemas de comportamento por 33 itens

(e.g. “Desobedece às regras ou aos pedidos”). Quanto mais elevadas são as pontuações, maior a frequência das habilidades sociais e de problemas de comportamento manifestados. A consistência interna das escalas foi analisada através do *alpha de Cronbach*, tendo-se obtido valores situados entre $\alpha = .88$ e $\alpha = .94$, interpretados por Hair, Anderson, Tatham, e Black (1998) como “muito bons” a “excelentes”. Na Tabela 1 estão discriminados estes valores para cada uma das escalas e para cada informante.

School-Age Temperament Inventory (SATI; McClowry, 1995). O temperamento da criança, na perspectiva dos pais, foi avaliado através da versão traduzida e adaptada para português do SATI (Lima, Lemos, & Guerra, 2010). Numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos (1 = *nunca* a 5 = *sempre*), os pais avaliaram a frequência de determinados comportamentos manifestados pela criança. Da solução fatorial reportada pelos autores (McClowry, 2002) resultaram quatro subescalas: reatividade negativa (26 itens; e.g. “Fica zangado quando implicam com ele”); persistência na tarefa (22 itens; e.g. “Faz os deveres todos até ao fim”); retraimento (16 itens; e.g. “Fica envergonhado, quando conhece novas crianças”); e atividade (12 itens; e.g. “Corre quando entra ou sai de casa”). Alguns itens foram recodificados em congruência com a direccionalidade das dimensões nas quais se incluíam. Deste modo, elevadas pontuações representam maiores níveis de reatividade negativa, retraimento, atividade e persistência na tarefa. As três primeiras são características de um temperamento difícil e a última de um temperamento fácil (McClowry, 2002). A consistência interna varia de valores “bons” a “excelentes” (Hair et al., 1998), $\alpha = .68$ e $\alpha = .93$, nas versões dos dois informantes (ver Tabela 1).

Coping with Children’s Negative Emotions Scale (CCNES; Fabes, Eisenberg, & Bernzweig, 1990). A resposta parental às emoções negativas dos filhos foi avaliada através da versão traduzida e adaptada para português do CCNES (Alves & Cruz, 2011). O instrumento é constituído por 12 cenários hipotéticos do quotidiano familiar, cada um com seis opções de resposta (o que perfaz um total de 72 itens), para as quais os pais tinham que estimar a probabilidade de manifestarem determinadas respostas, numa escala de tipo *Likert* de 7 pontos (1 = *muito improvável* a 7 = *muito provável*). Em cada cenário, três opções de resposta traduzem respostas parentais positivas/suporte (e.g. “Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga eu digo-lhe que não tem mal chorar”), uma focada no problema, outra focada na emoção e outra de encorajamento; e três correspondem a respostas parentais negativas/não-suporte (e.g. “Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga eu digo-lhe que está a reagir de forma exagerada”), onde se incluem as respostas de minimização, punição e de aborrecimento. Neste estudo apenas foram utilizadas as duas escalas do

instrumento: respostas positivas/suporte e respostas negativas/não-suporte. Adicionalmente, e com base na correlação positiva verificada entre as duas escalas do instrumento reportada noutros estudos (e.g. Alves & Cruz, 2011; Fabes et al., 2002), foi criada uma variável denominada “índice de reatividade”. O índice de reatividade foi calculado através da média de todos os itens (positivos e negativos), sem recodificação, representando o nível de reatividade, independentemente de ser positiva ou negativa, manifestada pelos pais às emoções negativas dos filhos. A consistência interna neste estudo é “excelente” (Hair et al., 1998), com valores de $\alpha = .93$ a $\alpha = .95$, para mãe e pai (Tabela 1).

1.3. Procedimentos

As famílias participantes foram selecionadas através da base nacional de adoção, tendo em conta dois critérios: a criança ter entre 8 e 10 anos no momento da recolha de dados e estar na família adotiva há pelo menos um ano. Esta identificação foi realizada pela Segurança Social, entidade que tutela a adoção em Portugal, e que fez o primeiro contacto com as famílias identificadas. Aquelas que concordaram em participar foram posteriormente contactadas pela equipa de investigação. A amostra total de famílias participantes neste estudo representa 67% das famílias adotivas, que cumpriam os critérios acima descritos no momento de identificação da amostra ($N = 167$).

A recolha de dados foi realizada por investigadoras com formação específica na área de adoção, em casa das famílias e em dois momentos distintos. Assim, após os pais assinarem o consentimento informado para a sua participação e para a dos seus filhos, pais e crianças foram entrevistados separadamente. Neste estudo serão apenas considerados os dados recolhidos junto dos pais. Tal como é habitual na investigação na adoção em Portugal, as famílias não receberam nenhuma compensação financeira pela participação.

Os dados foram analisados com recurso ao programa estatístico IBM SPSS para Windows, versão 19 (IBM Corp. Released, 2010). Primeiramente foi confirmada a normalidade univariada de todas as variáveis, recorrendo ao teste de *Kolmogorov–Smirnov* e ao critério da assimetria (valores $< |3|$) e curtose (valores $< |8|$), definidos por Kline (2011), e a não existência de *outliers* ($|z| < 3$; Kline, 2011). Na análise dos resultados, os procedimentos estatísticos utilizados incluíram: estatística descritiva, testes paramétricos para amostras independentes e para amostras emparelhadas (teste *t* de *Student* e análise de variância a um fator), relações entre variáveis através do coeficiente *r* de *Pearson* e análises de regressão linear múltipla. Refira-se que, nas ANOVAs, após testada a

homogeneidade das variâncias das variáveis usadas, através do teste de *Levene*, foi utilizado o teste *post-hoc GT2 de Hochberg*, quando homogêneas, e o *Games-Howell*, quando não-homogêneas, dada a desigualdade da quantidade de sujeitos em cada um dos grupos estudados (Field, 2009). As relações entre as variáveis em estudo e as variáveis sociodemográficas foram estudadas, e o seu efeito foi controlado através de correlações parciais, sempre que se observou a influência de variáveis sociodemográficas nas correlações entre as variáveis em estudo. Por fim, nas regressões múltiplas hierárquicas foram assegurados os seus pressupostos como a linearidade, homoscedasticidade, normalidade da distribuição dos erros (validados graficamente), multicolinearidade (validado através dos valores de tolerância), e independência dos erros (*Durbin-Watson*, com valores compreendidos entre 1.67 e 2.24 – considerados como aceitáveis por Field (2009)).

2. Resultados

2.1. Análises Exploratórias

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas (média e desvio padrão) das variáveis em estudo, bem como a comparação entre as perspetivas da mãe e do pai em relação a cada uma delas. Assim, e no que diz respeito à VD, avaliada em termos de habilidades sociais e problemas de comportamento, não se observaram diferenças significativas entre os informantes. Em relação às VIs, mães e pais diferiram ao nível da reatividade negativa e atividade, e ainda ao nível das respostas positivas/suporte, apresentando as mães médias superiores às dos pais (ver Tabela 1), apesar de em todas as variáveis as correlações entre mãe e pai serem moderadas a fortes e estatisticamente significativas.

“Tabela 1”

De forma a poder considerar a necessidade de controlar o efeito do sexo e idade da criança, e da idade e escolaridade dos pais, nas análises subsequentes, foram analisadas as relações entre estas variáveis sociodemográficas e as variáveis em estudo. Serão apenas reportadas as correlações significativas. No que diz respeito ao sexo da criança, observou-se que apenas o retraimento variou, quer na perspetiva da mãe, $t(81) = -3.02, p = .003, d = -0.67$, IC a 95% [-0.68, -0.14], quer na do pai, $t(83) = -2.12, p = .037, d = -0.45$, IC a 95% [-0.58, -0.02]. Assim, as raparigas são perspetivadas como apresentando maiores níveis de retraimento ($M = 2.32, DP = 0.64; M = 2.39, DP = 0.76$) do que os rapazes ($M = 1.91, DP$

= 0.59; $M = 2.09$, $DP = 0.56$), pela mãe e pelo pai, respetivamente. Relativamente à idade da criança, verificaram-se correlações com: as habilidades sociais, segundo a mãe ($r = .30$, $p = .006$) e o pai ($r = .25$, $p = .019$); os problemas de comportamento, segundo a mãe ($r = -.32$, $p = .003$); a persistência na tarefa segundo a mãe ($r = .26$, $p = .019$) e o pai ($r = .22$, $p = .048$); as respostas positivas/suporte ($r = .22$, $p = .048$), negativas/não-suporte ($r = .24$, $p = .034$) e o índice de reatividade, da mãe ($r = .27$, $p = .014$).

No que diz respeito às características parentais, verificou-se que quanto maior a escolaridade da mãe mais persistência na tarefa a criança manifestava, segundo a mesma ($r = -.22$, $p = .049$). Por sua vez, quanto maior a escolaridade do pai: menos respostas positivas/suporte ($r = -.25$, $p = .021$), negativas/não-suporte ($r = -.25$, $p = .021$) e menor o índice de reatividade ($r = -.30$, $p = .005$) do pai. A idade da mãe e do pai não se correlacionaram significativamente com nenhuma das variáveis em estudo.

2.2. Passado de Adversidade e Tempo de Adoção: Relações com as Variáveis em Estudo

As correlações observadas entre as variáveis em estudo e o passado de adversidade experienciado pela criança, bem como com o tempo de adoção são reportadas na Tabela 2.

“Tabela 2”

No que diz respeito ao tempo na família biológica, não foram encontradas correlações significativas com nenhuma das variáveis em estudo. Por outro lado, o tempo em acolhimento correlacionou-se significativa e positivamente com os problemas de comportamento (segundo mãe e pai), negativamente com as habilidades sociais (segundo mãe), e positivamente com a atividade (de acordo com ambos).

O tempo de adoção correlacionou-se significativa e positivamente com as habilidades sociais (segundo mãe e pai) e negativamente com os problemas de comportamento (apenas segundo a mãe); positivamente com a persistência na tarefa e negativamente com a atividade (de acordo com ambos).

Por último, foi estudado o impacto das experiências na família biológica (variável nominal) nas variáveis em estudo, através de uma ANOVA, não se tendo observado diferenças significativas na VD e nas VIs, em função do tipo de experiências.

2.3. Relações entre a Variável Dependente e as Variáveis Independentes

As correlações entre as variáveis em estudo, na perspectiva das figuras parentais encontram-se descritas na Tabela 2. Serão abordadas as relações entre as medidas de cada

variável, entre as duas VIs e entre a VD e as VIs em estudo. A leitura destes resultados será feita, primariamente, tendo em conta a perspetiva da mãe e do pai, isoladamente, e no final considerando o cruzamento entre informantes.

No que diz respeito às relações entre as medidas dentro de cada variável, constatou-se que as duas medidas da VD (habilidades sociais e problemas de comportamento) se correlacionavam negativamente entre si, segundo os dois informantes. Ao nível da VI do temperamento foram também encontrados padrões de relações significativas, semelhantes para a mãe e pai: a reatividade negativa correlacionou-se negativamente com a persistência na tarefa e positivamente com a atividade; a persistência na tarefa correlacionou-se negativamente com a atividade. O retraimento não se relacionou com nenhuma das restantes dimensões do temperamento, nas duas perspetivas. Por fim, na VI das respostas parentais, verificaram-se correlações positivas entre as duas escalas que a constituem, segundo mãe e pai (Tabela 2).

Relativamente às relações entre as duas VIs em estudo, apenas se observaram correlações significativas na perspetiva do pai, constatando-se correlações significativas e positivas entre a reatividade negativa e as respostas parentais negativas/não-suporte, e entre a persistência na tarefa e a manifestação de respostas positivas/de suporte.

Por fim, foram analisadas as relações existentes entre a VD e as VIs. Ao nível das habilidades sociais, verificaram-se correlações negativas com a reatividade negativa e com a atividade, e positivas com a persistência na tarefa e com as respostas positivas/suporte, segundo mãe e pai. Contudo, quando controlada a variável sociodemográfica da idade da criança (correlação parcial), a correlação entre as habilidades sociais percebidas pela mãe e as respostas positivas/suporte da mesma deixa de ser significativa. Ao nível dos problemas de comportamento, observou-se uma correlação negativa com a persistência na tarefa e correlações positivas com a reatividade negativa e atividade, na perspetiva de ambos, e também uma relação positiva com as respostas negativas/não-suporte, apenas segundo o pai.

Por último, cruzando a VD e as VIs, segundo os dois informantes, verificou-se que ambas as perspetivas são congruentes e apresentam relações positivas entre si, na VD e nas VIs.

2.4. Preditores da Competência Social: Perspetiva da Mãe e do Pai

Foram realizadas análises de regressão hierárquica para identificação das variáveis preditoras das habilidades sociais e problemas de comportamento, segundo mãe e pai.

Depois de explorados vários modelos, foi selecionado o mais parcimonioso para ambos, tendo em consideração os pressupostos desta análise estatística. O melhor modelo para cada um (não se tendo observado um bom modelo aplicável a ambos) foi depois aplicado à outra figura parental de forma a ser possível tecer comparações. O modelo de base da mãe encontra-se descrito nas Tabelas 3 e 4 com a sua aplicação ao pai. O modelo de base do pai encontra-se descrito nas Tabelas 5 e 6 com a sua aplicação à mãe.

Na perspetiva da mãe, e no que diz respeito às habilidades sociais (Tabela 3), verificou-se a existência de um modelo final com quatro variáveis, que em conjunto explicam 39.8% da variabilidade observada nesta dimensão da VD, $F(4, 74) = 13.87, p < .001$: a persistência na tarefa, respostas positivas/suporte e idade da criança, que explicam positivamente (embora as duas últimas não sejam significativas), e a reatividade negativa que explica negativamente. Observou-se que, num primeiro passo, as respostas positivas/suporte são preditores significativos das habilidades sociais ($\beta = .25$; $R^2a = .050$). No entanto, ao adicionar a idade da criança num segundo passo da regressão, esta deixa de o ser, apesar do aumento da variância explicada ($R^2a = .091$). Estes dois fatores, associados ao facto das três variáveis (idade, habilidades sociais e respostas positivas/suporte) estarem significativamente interrelacionadas entre si, permite presumir, de acordo com os critérios de Holmbeck (1997), o papel mediador da idade na relação entre as respostas positivas e as habilidades sociais. O mesmo se verifica entre o terceiro e o quarto passo da regressão, quando a idade deixa de ser um preditor significativo com a introdução da persistência na tarefa, levando a crer que a persistência na tarefa tem um papel mediador na relação entre a idade e as habilidades sociais. Quando aplicado o mesmo modelo ao pai, todas as variáveis se mostraram significativas (com direção idêntica) excetuando a idade da criança e a persistência na tarefa, $F(4, 80) = 15.95, p < .001$, subindo a variância explicada para 41.6%.

“Tabela 3”

No que diz respeito aos problemas de comportamento (Tabela 4), verificou-se a existência de um modelo final que explica 68.7% da variabilidade observada nesta dimensão da VD, $F(4, 78) = 45.93, p < .001$, englobando quatro variáveis: a reatividade negativa e atividade, que explicam positivamente, e a persistência na tarefa e habilidades sociais, que explicam negativamente. Quando aplicado o mesmo modelo ao pai, todas as variáveis se mantiveram significativas (com direção idêntica), excetuando a atividade, $F(4, 80) = 28.05, p < .001$, descendo a variância explicada para 56.3%.

“Tabela 4”

Na perspectiva do pai, observou-se que a variabilidade observada nas habilidades sociais da criança (Tabela 5) é predita por um modelo final que integra quatro variáveis, que explicam 47.8% da mesma, $F(4, 80) = 20.20, p < .001$: as respostas positivas/suporte e o tempo de adoção, que explicam positivamente, e os problemas de comportamento e reatividade negativa, que explicam negativamente. Quando aplicado o mesmo modelo à mãe, apenas os problemas de comportamento (negativamente) se mantiveram significativos, $F(4, 74) = 18.03, p < .001$, descendo a variância explicada para 46.6%.

“Tabela 5”

No que diz respeito aos problemas de comportamento (Tabela 6), verificou-se a existência de um modelo final com quatro variáveis preditoras, que explicam 58.8% da sua variabilidade, $F(4, 80) = 30.93, p < .001$: reatividade negativa e respostas negativas/não-suporte, que explicam positivamente, e a persistência na tarefa e habilidades sociais, que explicam negativamente. Quando aplicado o mesmo modelo à mãe, todas as variáveis se mantiveram significativas (com direção idêntica), excetuando as respostas negativas/não-suporte, $F(4, 74) = 41.06, p < .001$, subindo a variância explicada para 67.3%.

“Tabela 6”

3. Discussão

Este estudo centrou-se na análise do impacto simultâneo do temperamento da criança e das respostas parentais às emoções negativas da mesma, na competência social da criança adotada, discriminando a perspectiva das figuras parentais. Em geral, constatou-se que ambas as variáveis contribuem para a competência social, embora esta contribuição varie em função do informante, mãe ou pai.

No que diz respeito à hipótese a), verificou-se que efetivamente as variáveis em estudo estão intercorrelacionadas. Ao nível do temperamento constatou-se que quanto mais fácil o temperamento da criança era (menos reatividade negativa e atividade, e mais persistência na tarefa), mais habilidades sociais e menos problemas de comportamento a criança manifestava, segundo mãe e pai. Estes dados são convergentes com os do estudo de Stams e colaboradores (2002), com crianças adotadas, que reportam que um temperamento fácil se associava a níveis mais elevados de competência social. Acresce que estes dados permitem constatar a existência de relações dinâmicas entre características de forte preponderância genética e constantes nos diferentes contextos (temperamento) com

componentes contextualmente específicas e dependentes da avaliação externa (competência social). Assim, compreende-se o dinamismo/flexibilidade destas variáveis, em interação com os agentes sociais, bem como a influência entre diferentes contextos. Ao nível das respostas parentais observou-se que quanto mais respostas positivas/suporte e negativas/não-suporte eram expressas, mais habilidades sociais (segundo ambos os informantes) e mais problemas de comportamento (de acordo com o pai) a criança manifestava, respetivamente. Fabes e colaboradores (2002), com uma população normativa, obtiveram resultados idênticos, embora não tenham discriminado as perspetivas parentais. Estes dados corroboram que as respostas parentais às emoções negativas dos filhos se constituem como comportamentos socializadores, dado influenciarem a qualidade da competência social manifestada pela criança. Porém, salienta-se que na perspetiva da mãe a relação existente entre as respostas positivas/suporte e as habilidades sociais foi anulada após controlado o efeito da idade da criança. Este resultado vê-se assim influenciado pelas relações verificadas entre a idade da criança e as habilidades sociais, e entre a idade da criança e as respostas maternas socializadoras da emoção: quanto maior a idade da criança mais habilidades sociais esta manifestava segundo a mãe, e mais as mães reagiam às emoções negativas da mesma (mais respostas positivas/suporte, negativas/não-suporte e índice de reatividade). Por fim, também o temperamento da criança e as respostas parentais se encontraram correlacionadas, mas apenas segundo o pai, dado que quanto maior a reatividade negativa (temperamento difícil) e a persistência na tarefa da criança (temperamento fácil), mais respostas parentais negativas/não-suporte e positivas/suporte foram expressas, respetivamente. Assim, depreende-se que, especialmente da perspetiva paterna, as características/individualidade da criança (temperamento e competência social) e as interações que os pais estabelecem com estas, se influenciam mutuamente. Por conseguinte, algumas hipóteses explicativas têm sido apontadas, nomeadamente por Baker e colaboradores (2011), como a flexibilização crescente dos papéis assumidos na dinâmica familiar, podendo os pais assumir mais responsabilidades na educação dos filhos, especialmente em situações de carácter emocional negativo. Por outro lado, as mães poderão estar responsáveis por outras tarefas, e/ou poderão reagir face às emoções negativas de modo menos determinado pelas características da criança, uma vez que não foram verificadas associações entre as variáveis de temperamento da criança e as respostas maternas. Adicionalmente, salienta-se que foram também constatadas diferenças qualitativas nas respostas das figuras parentais, reagindo as mães mais positivamente do que os pais, face às emoções negativas da criança, o que poderá ter influenciado os

resultados observados, dado que apenas as interações positivas/suporte mães-filhos se associaram às habilidades sociais da criança, antes de controlado o efeito da idade da mesma.

No que diz respeito às hipóteses b) e c), nas quais foi proposto que quanto maior a adversidade pré-adoção e quanto menor o tempo de adoção, menor a competência social da criança e mais difícil o seu temperamento, constatou-se que ambas foram validadas pelos resultados. Ao nível da competência social, verificou-se que quanto maior a adversidade pré-adoção (tempo em acolhimento) e menor o tempo de adoção, menos habilidades sociais e mais problemas de comportamento a criança manifestava, segundo mãe e pai. Ao nível do temperamento, verificou-se que quanto maior a adversidade pré-adoção (mais tempo em acolhimento), mais difícil o temperamento da criança (mais atividade), segundo ambas as figuras parentais; e quanto menor o tempo de adoção mais difícil o temperamento (mais atividade e menos persistência na tarefa), segundo mãe e pai. Assim, compreende-se que as experiências de adversidade e a ausência de cuidados responsivos nos primeiros anos de vida podem afetar estas crianças a diferentes níveis. Vários estudos observaram que estas apresentavam menores níveis de competência social, especialmente com um passado de acolhimento residencial (e.g. Juffer et al., 2011; Julian & McCall, 2016), bem como apresentavam um temperamento mais difícil (Dalen & Theie, 2014). Todavia, a transição para um novo contexto familiar parece atenuar estes défices, confirmando-se que a adoção se constitui como intervenção natural de sucesso (van IJzendoorn & Juffer, 2006), dada a influência do tempo de adoção observada nestas variáveis. Por fim, importa sublinhar que de entre os parâmetros que definem um passado de adversidade, apenas o tempo em acolhimento se mostrou significativo em relação com as variáveis analisadas, o que vai de encontro a estudos que concluem acerca do impacto negativo destas experiências (e.g. Juffer et al., 2011; van IJzendoorn et al., 2011), as quais foram vivenciadas pela maioria das crianças desta amostra.

Por sua vez, a hipótese d) não foi validada, dado que nenhuma das variáveis que caracterizam o passado de adversidade, nem o tempo de adoção, se correlacionaram com as respostas parentais. Deste modo, verificou-se que nem as experiências prévias à adoção (passado de adversidade) nem posteriores à adoção (tempo de adoção) se relacionaram com a interação pais-filhos, ao nível das respostas parentais às suas emoções negativas. Assim, é extrapolado que estas respostas parentais são independentes das vivências da criança prévias e posteriores à adoção, ou seja, que pais e mães reagem às emoções negativas dos filhos independentemente do passado dos mesmos e/ou da integração da

criança na família adotiva. Contudo, Eisenberg e colaboradores (1998) propuseram que estas experiências influenciavam a socialização parental, ainda que em famílias não-adotivas. Acresce que se verifica a existência de uma relação indireta, dado que estas respostas são influenciadas pelas características da criança (competência social e temperamento), tal como os resultados validaram na perspectiva paterna, e que por sua vez estas características são influenciadas pelo passado de adversidade, por se associarem a estas variáveis do passado, bem como ao tempo de adoção. Adicionalmente, reflete-se acerca das medidas utilizadas para avaliar as experiências pré e pós-adoção (tempo em acolhimento e tempo de adoção) que apenas informam para dimensões mais quantitativas das mesmas, dado se centrarem no tempo vivido pela criança em cada um dos contextos.

No âmbito das hipóteses e) e f), nas quais se propôs que o temperamento da criança e as respostas parentais prediziam a competência social, e que as perspectivas das figuras parentais diferiam entre si, vários resultados validam as mesmas, embora não na sua totalidade. Assim, segundo ambas as figuras parentais, a competência social foi predita pelo temperamento da criança. A maior manifestação de habilidades sociais foi predita por um temperamento mais fácil (maior persistência na tarefa segundo a mãe e menor reatividade negativa segundo mãe e pai), e a maior manifestação de problemas de comportamento por um temperamento mais difícil (menor persistência na tarefa, maior reatividade negativa e atividade - embora esta última apenas da perspectiva materna). O impacto do temperamento na competência social, especialmente ao nível da reatividade negativa e persistência na tarefa é convergente com dados de outros estudos (e.g. Chang et al., 2012; Voort et al., 2013). Adicionalmente, segundo mãe e pai, a competência social foi predita pelas respostas parentais às emoções negativas da criança, excetuando na predição dos problemas de comportamento na perspectiva materna, na qual o temperamento da criança assume papel preponderante. A maior manifestação de habilidades sociais foi predita pelas respostas positivas/suporte, na perspectiva da mãe e pai, e a maior manifestação de problemas de comportamento por respostas negativas/não-suporte, apenas da perspectiva paterna. Porém, sublinha-se que na perspectiva materna estas interações apenas são validadas quando não é considerado o efeito da idade da criança, propondo-se assim que esta medeia a relação entre as respostas maternas positivas/suporte e as habilidades sociais da criança. Diversos estudos constataram o impacto das respostas parentais na competência social (e.g. Alves & Cruz, 2011; Fabes et al., 2002), em famílias não-adotivas, mas Baker e colaboradores (2011) verificaram que apenas da perspectiva paterna esta relação poderia ser verificada. Porém, acrescenta-se que as respostas maternas

às emoções negativas da criança apenas tiveram impacto nas habilidades sociais da mesma, extrapolando-se que as mães não atribuem as causas dos problemas de comportamento aos seus comportamentos socializadores da emoção, mas sim às características da criança. Estes resultados poderão resultar do isolamento das experiências pré/pós-adoção característico da trajetória desenvolvimental das crianças adotadas, permitindo compreender que as mães apenas consideram ter influência em características sociais positivas da criança, atribuindo as negativas a outros fatores, como o temperamento, com maior preponderância genética e menos dependente da sua interação com ela. Por fim, a maior manifestação de habilidades sociais foi predita pelo maior tempo de adoção, tal como já corroborado pela literatura, dados os benefícios implicados aquando a integração neste novo contexto (e.g. van IJzendoorn & Juffer, 2006), mas apenas na perspetiva paterna. Assim, os resultados sugerem que os pais consideram que as experiências no seio familiar têm impacto na competência social da criança. Desta forma, poderá novamente ser extrapolado que os pais adotivos estarão mais responsáveis por tarefas educativas que implicam uma maior interação com os seus filhos, nomeadamente ao nível da socialização emocional (Baker et al., 2011), oferecendo o maior tempo de adoção mais oportunidades de socialização.

No que diz respeito à comparação entre as perspetivas parentais e procedendo-se à análise do peso de cada uma das variáveis em todos os modelos finais de regressão, algumas considerações podem ser tecidas. Pais e mães consideram ser o temperamento o preditor com maior impacto na competência social, que embora dinâmico é influenciado por fatores hereditários e do contexto pré-natal, representando predominantemente as experiências pré-adoção. Posteriormente, de acordo com as mães e pais, o segundo preditor com maior impacto na competência social são os comportamentos parentais socializadores da emoção, representando as experiências pós-adoção, ainda que, na perspetiva das mães, os resultados levem a crer que esta predição seja mediada pela idade que a criança tem. Por fim, apenas da perspetiva paterna, o tempo de adoção surge como terceiro preditor da competência social (habilidades sociais), representando também o período pós-adoção. Acrescenta-se que não foram encontrados modelos preditores da competência social que se aplicassem a ambos os informantes. Por fim, são sublinhadas as discrepâncias entre as perspetivas parentais, dada a diminuição da variância explicada na aplicação do modelo mais parcimonioso da perspetiva das mães à dos pais, e vice-versa.

4. Conclusão

O recurso a instrumentos e medidas não-aféridas para a população adotiva, ao nível das VIs e da VD, constituiu-se como uma limitação do presente estudo.

Apesar disso, este estudo, ao recorrer ao *design* da adoção, permitiu o isolamento, e simultaneamente a combinação num mesmo estudo, do impacto de variáveis individuais da criança (que comportam as experiências pré-adoção) e o impacto de variáveis relativas à interação pais-filhos, pós-integração na família adotiva, na medida em que permitiu explorar a variabilidade da competência social em crianças adotadas, estudando os processos subjacentes à mesma. Assim, este estudo realça o impacto do temperamento da criança e das respostas parentais às emoções negativas dos filhos, na competência social destes. Acresce-se que identifica o impacto diferencial destes dois preditores, na perspetiva das figuras parentais, confirmando o carácter avaliativo inerente a esta competência, determinada pela avaliação externa do agente de interação no contexto social onde decorre.

Em futuras investigações sugere-se a exploração de outras variáveis, respeitantes à criança e/ou à interação pais-filhos, para melhor compreensão dos processos subjacentes, nomeadamente a regulação emocional da criança e outras mais específicas das problemáticas características da população adotiva, como a vivência ou a comunicação acerca da adoção. Poderão ainda ser exploradas as variáveis deste estudo com maior especificidade, considerada também a perspetiva da criança e confirmada a existência, na perspetiva materna, do carácter mediador da idade da criança na relação entre as respostas positivas/suporte e as habilidades sociais, e da persistência na tarefa na relação entre a idade da criança e as habilidades sociais.

Por fim, a partir dos resultados observados podem ser sugeridas algumas implicações para a prática profissional junto das famílias adotivas. Assim, o presente estudo permite compreender que pais e mães adotivos diferem nos papéis que desempenham na dinâmica familiar, assumindo um papel complementar. A tomada de consciência destas diferenças poderá ser promovida para melhor ajustamento das figuras parentais e funcionamento das interações em contexto familiar, ainda que diretrizes de intervenção mais concretas apenas possam ser apresentadas após explorações mais aprofundadas nesta área. Este estudo corrobora que as experiências da criança prévias à adoção, maioritariamente de adversidade, influenciam significativamente o seu desenvolvimento e características. Assim, sugere-se que num acompanhamento/serviço pós-adoção, esta influência seja

considerada na intervenção realizada com estas famílias, aumentando a sua eficácia e acrescentando à já benéfica integração nas mesmas.

Referências Bibliográficas

- Alves, D., & Cruz, O. (2011). Reações Parentais às Emoções Negativas dos filhos (RPEN): Um questionário de avaliação da meta-emoção parental. In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, & S. Fraga (Eds.), *Actas do VIII congresso iberoamericano de avaliação/evaluación psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos* (pp.1480-1492). Lisbon: SPP.
- Baker, J., Fenning, R., & Crnic, K. (2011). Emotion socialization by mothers and fathers: Coherence among behaviors and associations with parent attitudes and children's social competence. *Social Development, 20*(2), 412-430.
doi:10.1111/j.1467-9507.2010.00585.x
- Barcons, N., Abrines, N., Brun, C., Sartini, C., Fumadó, V., & Marre, D. (2012). Social relationships in children from intercountry adoption. *Children and Youth Services Review, 34*(5), 955-961. doi:0.1016/j.childyouth.2012.01.028
- Chang, H., Shelleby, E., Cheong, J., & Shaw, D. (2012). Cumulative risk, negative emotionality, and emotion regulation as predictors of social competence in transition to school: A mediated moderation model. *Social Development, 21*(4), 780-800.
doi:10.1111/j.1467-9507.2011.00648.x
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Dalen, M., & Theie, S. (2014). Similarities and differences between internationally adopted and nonadopted children in their toddler years: Outcomes from a longitudinal study. *American Journal of Orthopsychiatry, 84*(4), 397-408.
doi:10.1037/ort0000010
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry, 9*(4), 241-273. Retirado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1513625/>
- Eisenberg, N., Fabes, R., & Murphy, B. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development, 67*(5), 2227-2247. doi: 0.1111/j.1467-8624.1996.tb01854.x

- Fabes, A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990). *Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES): Description and scoring*. Tempe, AZ: Arizona State University.
- Fabes, A., Poulin, E., Eisenberg, N., & Madden-Derdich, A. (2002). The Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES): Psychometric properties and relations with children's emotional competence. In R. A. Fabes (Ed.), *Emotions and the Family* (pp. 285-310). Binghamton: The Haworth Press.
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando o SPSS* (2nd ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Gottman, M., Katz, F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: Theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology, 10*(3), 243-268. doi:10.1037/0893-3200.10.3.243
- Gresham, F., & Elliott, S. (2008). *Social Skills Improvement System intervention guide manual*. Minneapolis, MN: Pearson Assessments.
- Gresham, F., Elliott, S., Cook, C., Vance, M., & Kettler, R. (2010). Cross-informant agreement for ratings for social skill and problem behavior ratings: An investigation of the Social Skills Improvement System—Rating Scales. *Psychological Assessment, 22*(1), 157-166. doi:10.1037/a0018124
- Hair, J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (1998). *Multivariate data analysis* (5th ed.). New Jersey: Prentice Hall.
- Haugaard, J., & Hazan, C. (2003). Adoption as a natural experiment. *Development and Psychopathology, 15*(4), 909–926. doi:10.1017/S0954579403000427
- Holmbeck, B. (1997). Toward terminological, conceptual, and statistical clarity in the study of mediators and moderators: Examples from the child-clinical and pediatric psychology literatures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 65*(4), 599-610. doi:10.1037/0022-006X.65.4.599
- Holt, L., & Ellis, B. (1998). Assessing the current validity of the Bem Sex-Role Inventory. *Sex Roles, 39*(11-12), 929-941. doi:10.1023/A:1018836923919
- IBM Corp. Released. (2010). *IBM SPSS Statistics for Windows, Version 19.0*. Armonk, NY: Author.
- Juffer, F., Palacios, J., Le Maré, L., Sonuga-Barke, S., Tieman, W., Bakermans-Kranenburg, ... Verhulst, C. (2011). II. Development of adopted children with histories of early adversity [Monograph]. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 76*(4), 31-61. doi:10.1111/j.1540-5834.2011.00627

- Julian, M., & McCall, R. (2016). Social skills in children adopted from socially-emotionally depriving institutions. *Adoption Quarterly*, *19*(1), 44-62.
doi:10.1080/10926755.2015.1088106
- Kiff, J., Lengua, J., & Zalewski, M. (2011). Nature and nurturing: Parenting in the context of child temperament. *Clinical Child and Family Psychology Review*, *14*(3), 251-301. doi:10.1007/s10567-011-0093-4
- Kline, B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Lima, L., Lemos, M., & Guerra, M. (2010). Adaptação do Inventário de Temperamento para Crianças em Idade Escolar – School-Age Temperament Inventory – SATI de McClowry a uma População Portuguesa. *Psicologia, Saúde e Doenças*, *11*(1), 55-70.
Retirado de
<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26556/2/88567.pdf>
- McClowry, G. (1995). The development of the School-Age Temperament Inventory. *Merrill Palmer Quarterly*, *41*(3), 271-285.
- McClowry, G. (2002). The temperament profiles of school-age children. *Journal of Pediatric Nursing*, *17*(1), 3-10. Retirado de
http://steinhardt.nyu.edu/scmsAdmin/uploads/001/478/the_temperament_profiles.pdf
- Palacios, J., & Brodzinsky, D. (2010). Adoption research: Trends, topics, outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, *34*(3), 270-284.
doi:10.1177/0165025410362837
- Palacios, J., Moreno, C., & Román, M. (2013). Social competence in internationally adopted and institutionalized children. *Early Childhood Research Quarterly*, *28*(2), 357-365. doi:10.1016/j.ecresq.2012.08.003
- Pfeffer, J., & Martin, P. (1983). Comparison of mothers' and fathers' temperament ratings of referred and nonreferred preschool children. *Journal of Clinical Psychology*, *39*(6), 1013-1020. doi:10.1002/1097-4679
- Plomin, R., Coon, H., Carey, G., DeFries, J., & Fulker D. (1991). Parent-offspring and sibling adoption analyses of parental ratings of temperament in infancy and childhood. *Journal of Personality* *59*(4), 705-732. doi:10.1111/1467-6494.ep9202104576
- Semrud-Clikeman, M. (2007). *Social Competence in Children*. East Lansing, Michigan: Springer.

- Soares, J., Barbosa-Ducharne, M., Lemos, M., & Cruz, O. (2012). *Escala de Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento – Versão para Pais (EHSPC-P)*. Instrumento não publicado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Stams, G. Juffer, F., & van IJzendoorn, M. (2002). Maternal sensitivity, infant attachment, and temperament in early childhood predict adjustment in middle childhood: The case of adopted children and their biologically unrelated parents. *Developmental Psychology*, 38(5), 806-821. doi:10.1037//0012-1649.38.5.806
- Tan, T. (2006). History of early neglect and middle childhood social competence: An adoption study. *Adoption Quarterly*, 9(4), 59-71. doi:10.1300/J145v09n04_04
- van IJzendoorn, M., & Juffer, F. (2006). The Emanuel Miller memorial lecture 2006: Adoption as intervention. Meta-analytic evidence for massive catch-up and plasticity in physical, socio-emotional and cognitive development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(12), 1228-1245. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01675.x
- van IJzendoorn, M., Palacios, J., Sonuga-Barke, E., Gunnar, M., Vorria, P., McCall, R... & Juffer, F. (2011) I. Children in institutional care: Delayed development and resilience [Monograph]. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 76(4), 8-30. doi:10.1111/j.1540-5834.2011.00626.x
- Voort, A., Linting, M., Juffer, F., Bakermans-Kranenburg, M., & van IJzendoorn, M. (2013). Delinquent and aggressive behaviors in early-adopted adolescents: Longitudinal predictions from child temperament and maternal sensitivity. *Children and Youth Services Review*, 35(3), 439-446. doi:10.1016/j.childyouth.2012.12.008

Tabela 1

Alphas de Cronbach, Médias, Desvio-Padrão e Comparação/Correlação Mãe -Pai das Variáveis em Estudo

	α		$M (DP)$		Comparação/Correlação Mãe-Pai		
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	$t(df)$	d	r
SSIS-RS ^a - VD					(75/77)		
Habilidades sociais	.94	.94	2.26 (0.37)	2.23 (0.36)	1.02	0.08	.76***
PComportamento	.90	.88	0.92 (0.41)	0.88 (0.35)	1.78	0.10	.74***
SATI ^b - VI					(70)		
ReatividadeNegativa	.88	.89	2.76 (0.69)	2.68 (0.66)	2.10*	0.12	.81***
Atividade	.81	.68	2.86 (0.83)	2.78 (0.67)	2.21*	0.11	.68***
Persistência Tarefa	.93	.93	3.22 (0.89)	3.11 (0.87)	0.21	0.12	.83***
Retraimento	.79	.79	2.08 (0.64)	2.22 (0.66)	-1.92	-0.22	.53***
CCNES - VI					(70)		
Resp Positivas	.93	.93	5.24 (0.91)	4.90 (0.93)	3.32**	0.37	.38**
Resp Negativas	.93	.93	3.17 (0.98)	3.18 (1.02)	0.01	0.01	.55***
Índice Reatividade	.95	.94	4.19 (0.80)	4.05 (0.81)	1.83	0.17	.49***

Notas. De acordo com Cohen (1988): $d \leq 0.2$, tamanho de efeito pequeno; $d =]0.2, 0.5]$, tamanho de efeito moderado; $d]0.5, 1.0]$, tamanho de efeito elevado; $d > 1.0$, tamanho de efeito muito elevado.

^a Medida em escala de *Likert* de 0 a 3. ^b Medida em escala de *Likert* de 1 a 7. Medida em escala de *Likert* de 1 a 7.

* $p < .050$. ** $p < .010$. *** $p < .001$.

Tabela 2

Matriz de Correlações

		Passado			Mãe									Pai										
		FB	Ac	TA	HS	PC	Rea	Ati	Ret	PT	RP	RN	IR	HS	PC	Rea	Ati	Ret	PT	RP	RN	IR		
Passado	FB	1																						
	Ac	.12	1																					
	TA	-.69	-.70	1																				
Mãe	HS	-.09	-.24	.34	1																			
	PC	.01	.30	-.32	-.65	1																		
	Rea	-.09	.21	-.11	-.51	.67	1																	
	Ati	.01	.25	-.23	-.39	.58	.42	1																
	Ret	.21	.04	-.18	-.16	.13	.19	-.09	1															
	PT	-.09	-.20	.31	.53	-.68	-.45	-.52	.09	1														
	RP	-.03	.02	.09	.20 ^a	-.21	-.16	.02	-.14	.06	1													
	RN	-.01	.00	.09	.04	-.01	.04	.09	-.05	-.09	.43	1												
	IR	-.02	.01	.11	.16	-.12	-.06	.07	-.11	-.02	.83	.86	1											
Pai	HS	-.11	-.17	.30	.76									1										
	PC	-.10	.26	-.17		.74								-.62	1									
	Rea	-.09	.21	-.10			.81							-.57	.65	1								
	Ati	-.02	.28	-.23				.68						-.38	.50	.50	1							
	Ret	.14	-.09	-.04					.53					-.18	.05	.15	-.19	1						
	PT	.00	-.19	.22						.83				.49	-.61	-.46	-.59	.10	1					
	RP	-.19	.07	.15							.38			.30	-.10	-.08	.01	.03	.31	1				
	RN	-.10	-.04	.13								.55		-.09	.28	.26	.18	-.08	-.04	.35	1			
	IR	-.17	.02	.16									.49	.13	.12	.11	.12	-.04	.16	.80	.84	1		

Notas. $r \leq (-).21$: não significativo; $(-).22 \leq r \leq (-).28$: $p < .050$; $(-).29 \leq r \leq (-).38$: $p < .010$; $r \geq (-).39$ $p < .001$. FB = Tempo de vivência com a Família Biológica; Ac = Tempo de Acolhimento; TA = Tempo de Adoção; HS = Habilidades Sociais; PC = Problemas de Comportamento; Rea = Reatividade Negativa; Ati = Atividade; Ret = Retraimento; PT = Persistência na Tarefa; RP = Respostas Positivas/Suporte; RN = Respostas Negativas/Não-Suporte; IR = Índice de Reatividade.

^a correlação parcial (controlado o efeito da idade da criança).

Tabela 3

Modelos Preditivos das Habilidades Sociais na Perspetiva da Mãe, e a sua Aplicação ao Pai

Habilidades Sociais (VD)						
	Modelo Perspetiva Mãe			Modelo Testado no Pai		
	β	F	R^2a	β	F	R^2a
Modelo 1						
Respostas Positivas	.25*	5.15*	.050	.30**	7.89**	.076
Modelo 2						
Respostas Positivas	.19	4.92*	.091	.27*	6.74**	.120
Idade da Criança	.24*			.23*		
Modelo 3						
Respostas Positivas	.12	12.60***	.308	.23**	19.44***	.397
Idade da Criança	.22*			.19*		
Reatividade Negativa	-.48***			-.53***		
Modelo 4						
Respostas Positivas	.15	13.87***	.398	.18*	15.95***	.416
Idade da Criança	.13			.16		
Reatividade Negativa	-.30**			-.45***		
Persistência Tarefa	.36**			.19		

Notas. * $p < .050$. ** $p < .010$. *** $p < .001$.

Tabela 4

Modelos Preditivos dos Problemas de Comportamento na Perspetiva da Mãe, e a sua Aplicação ao Pai

Problemas de Comportamento (VD)						
	Modelo Perspetiva Mãe			Modelo Testado no Pai		
	β	F	R^2a	β	F	R^2a
Modelo 1						
Persistência na Tarefa	-.68***	70.54***	.459	-.61***	48.66***	.362
Modelo 2						
Persistência na Tarefa	-.48***	69.02***	.624	-.39***	49.12***	.534
Reatividade Negativa	.46***			.47***		
Modelo 3						
Persistência na Tarefa	-.40***	51.18***	.647	-.37***	32.57***	.530
Reatividade Negativa	.41***			.46***		
Atividade	.20*			.05		
Modelo 4						
Persistência na Tarefa	-.30***	45.93***	.687	-.30**	28.05***	.563
Reatividade Negativa	.33**			.35***		
Atividade	.18*			.06		
Habilidades Sociais	-.26**			-.25**		

Notas. * $p < .050$, ** $p < .010$, *** $p < .001$.

Tabela 5

Modelos Preditivos das Habilidades Sociais na Perspetiva do Pai, e a sua Aplicação à Mãe

	Habilidades Sociais (VD)					
	Modelo Perspetiva Pai			Modelo Testado na Mãe		
	β	F	R^2a	β	F	R^2a
Modelo 1						
Reatividade Negativa	-.57***	39.27***	.313	-.51***	27.30***	.252
Modelo 2						
Reatividade Negativa	-.55***	25.45***	.368	-.48***	15.57***	.272
Respostas Positivas	.25**			.17		
Modelo 3						
Reatividade Negativa	-.29**	24.20***	.453	-.10	22.39***	.451
Respostas Positivas	.23**			.13		
PComportamento	-.40***			-.58***		
Modelo 4						
Reatividade Negativa	-.29**	20.20***	.478	-.13	18.03***	.466
Respostas Positivas	.21*			.13		
PComportamento	-.38**			-.51***		
Tempo de Adoção	.18*			.16		

Notas. * $p < .050$, ** $p < .010$, *** $p < .001$.

Tabela 6

Modelos Preditivos dos Problemas de Comportamento na Perspetiva do Pai, e a sua Aplicação à Mãe

Problemas de Comportamento (VD)						
	Modelo Perspetiva Pai			Modelo Testado na Mãe		
	β	F	R^2a	β	F	R^2a
Modelo 1						
Reatividade Negativa	.65***	60.62***	.415	.68***	27.30***	.252
Modelo 2						
Reatividade Negativa	.47***	49.12***	.534	.44***	15.57***	.272
Persistência na Tarefa	-.39***			-.49***		
Modelo 3						
Reatividade Negativa	.42***	35.71***	.554	.44***	22.39***	.451
Persistência na Tarefa	-.41***			-.49***		
Respostas Negativas	.16*			-.07		
Modelo 4						
Reatividade Negativa	.31**	30.93***	.588	.35***	41.06***	.673
Persistência na Tarefa	-.34***			-.38***		
Respostas Negativas	.17*			-.05		
Habilidades Sociais	-.25**			-.28**		

Notas. * $p < .050$, ** $p < .010$, *** $p < .001$.